

A POSIÇÃO DA BIBLIOGRAFIA NA EPISTEMOLOGIA DE PEIGNOT NO SETECENTOS

EL LUGAR DE LA BIBLIOGRAFÍA EN LA EPISTEMOLOGIA DE PEIGNOT EN EL SIGLO XVIII

Gustavo Silva Saldanha – saldanhaquim@gmail.com
Doutor em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Professor da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

RESUMO

Introdução: A partir da perspectiva de uma epistemologia histórica, a reflexão, de fundo filosófico, propõe uma discussão sobre a construção do pensamento peignotiano em direção à seara bibliográfica.

Objetivo: O objetivo geral é contextualizar o pensamento de Gabriel Peignot, bibliófilo, bibliotecário e bibliólogo, na construção, no século XVIII, de uma visão sobre a relevância histórico-política e científica da Bibliografia no contexto de revoluções contemporâneas à sua formalização.

Metodologia: O estudo se concentra na análise conceitual da obra *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*, publicada em 1802 e aqui compreendida como um dos pioneiros discursos epistêmicos gerais de tentativa de afirmação de um campo científico orientado às práticas de preservação, organização e disseminação dos saberes registrados.

Resultados: A reflexão conduz ao debate sobre a figura sócio-histórica de Peignot em seu tempo e sobre o discurso de construção epistemológica do campo da organização dos saberes entre as noções de Bibliografia e Bibliologia.

Conclusões: Desdobra-se como observações conclusivas a amplitude da bibliografia, das bibliografias e dos bibliógrafos no plano sistemático-epistêmico de Gabriel Peignot tecido ao longo do século XVIII e produzido para o século seguinte.

Palavras-chave: Bibliografia. Bibliologia. Gabriel Peignot. Bibliógrafos. Epistemologia.

1 INTRODUÇÃO

Jamais les sciences et les arts n'ont été cultivés en Europe avec autant d'activité qu'au commencement du 19^e siècle , et peut-être jamais moment n'a été plus favorable pour leur faire prendre un nouvel essor. Les savans sont honorés dans leur patrie; la paix sourit à leurs vœux; appuyée sur des bases solides, elle rétablit les communications entre des peuples trop long temps divisés; elle rouvre partout les canaux du commerce; elle répand déjà sur nos champs la corne d'abondance; et l'on sait que les Filles de Mémoire se plaisent loin du tumulte des camps, sous un ciel pur et sur une terre féconde qu'habite le bonheur. Si pendant les longs orages de la révolution, le souffle impur du vandalisme n'a point éteint le flambeau dea sciences, si elles ont été respectées au milieu des malheurs inséparables d'une guerre qui embrasait l'Europe entière, de quel éclat ne vont-elles pas briller sous l'égide d'un gouvernement pacificateur, juste et éclairé qui protège et encourage ceux qui les cultivent? (PEIGNOT, 1802a, p. vii).

Existem ainda diversos limites aporéticos na historiografia do campo informacional. O exercício neodocumentalista, desenvolvido por nomes como Michael Buckland, Boyce Rayward e Bernd Frohmann, a partir dos anos 1990, lançam um convite à imaginação historicista da Ciência da Informação. O convite é, ao mesmo tempo, uma carta crítica à reificação de cronologias estruturalmente anglófonas de fundamentação dos estudos informacionais como domínio epistemológico distinto. A principal direção neodocumentalista é, por sua vez, o encontro do pensamento otletiano. Tal exercício, na verdade, ao ampliar o horizonte de reflexões epistemológico-históricas do campo, funda novas aporias e nos obriga a rever, por exemplo, os limites de dados percursos, como a construção de um “Otlet” pela neodocumentação.

Os conceitos de Bibliologia e de Bibliografia, fundamentais no advogado belga, por exemplo, exigem uma revisão e um criticismo ainda pouco explorado. Principalmente, se colocados no tempo-espaco que influencia as visões otletianas, noções como essas tornam-se extremamente complexas e de difícil demarcação. A presença de

Gabriel Peignot, por exemplo, na elaboração do léxico conceitual otletiano, responde por um vasto caminho de dúvidas, a princípio, e, provavelmente, de esclarecimentos após o mergulho nos eventos epistemológico-históricos dos séculos XVIII e XIX.

Gabriel Peignot pouco aparece na construção do principal discurso de Paul Otlet, ou seja, em seu *Traité de Documentation*, de 1934. As aparições formais podem ser identificadas apenas em dois momentos da obra seminal do pensamento otletiano. Na primeira, trata-se de uma indicação à visão de Peignot no contexto de apresentação da relevância das “bibliografias de bibliografias”. Neste caso, estamos no fragmento 255 do *Traité*, que aborda a “descrição dos livros, inventários, catálogo e bibliografia”, no escopo das “operações, funções, atividades que dão origem ao livro e ao documento”, este, por sua vez, dentro do longo capítulo “O livro e o documento”.

A segunda aparição de Peignot na grande obra otletiana está em uma breve indicação, à página 380, acompanhada de uma chamada de nota de rodapé, onde é mencionado o título do livro *Dictionnaire Raisonné de Bibliographie* (e não *Bibliologie*, apesar do nome da obra no ano receber tal designação terminológica). Neste contexto, Paul Otlet (1934) esclarece que, até o século XVII, os sistemas bibliográficos constituídos eram exclusivamente baseados nas classificações *a priori* do conhecimento. Eram sistemas elaborados a partir do pensamento filosófico. Como exemplo, segundo Otlet (1934), encontramos os tratados de Bacon. A partir do século XVIII, diante dos diferentes métodos de desenvolvimento empírico do conhecimento, serão influência direta para as novas classificações bibliográficas. Fruto desta transformação é o pensamento classificacionista de Gabriel Peignot. Esta menção se apresenta em Otlet (1934) no contexto da “História dos sistemas existentes” (fragmento 412), no escopo dos “Princípios gerais e método de organização” (41), dentro do capítulo 4, “Organização racional dos livros e dos documentos – biblio-tecnia e biblio-economia”.

Os dois momentos de presença peignotiana em Paul Otlet são de

extrema relevância para compreendermos a posição epistemológica da Bibliografia no contexto do século XVIII – e, em decorrência desta apropriação, no seu decurso ao longo do Oitocentos e do Novecentos. Na primeira e na segunda citações, Peignot é indicado como um pioneiro das “bibliografias das bibliografias”. Otlet (1934) menciona que Peignot, em 1810, um repertório bibliográfico e que, em 1812, se tornaria um repertório bibliográfico universal. Na segunda citação, deixa clara a profundidade do pensamento bibliográfico peignotiano em seu contexto sócio-histórico.

É ausente, porém, a visão epistemológica de constituição da Bibliologia e da Bibliografia em Peignot a partir de Otlet. Em outras palavras, perguntamo-nos sobre os motivos que fazem com que o pensador do *Mundaneum* elabore sua concepção de ciência bibliológica sem mencionar a visão peignotiana sobre esta constituição epistemológica. Em termos pontuais, a Bibliologia e a Bibliografia em Paul Otlet tendem a se assemelhar e quase se identificam por completo, se guardadas forem as devidas distâncias espaço-temporais que os cercam entre a virada do século XVIII para o XIX, e a do século XIX para o XX.

O que nos chama centralmente a atenção é o fato de que Paul Otlet, reconhecido como visionário e articulador de um projeto bibliográfico mundial a partir dos fins do Oitocentos, produz uma visão sobre a Bibliografia objetivamente relativa ao ponto de vista de Gabriel Peignot em seu *Dictionnaire*, mais ainda objetiva em relação ao conceito de Bibliologia, e não correlaciona em sua fundamentação os conceitos definidores do campo.

A partir da perspectiva de uma epistemologia histórica, a reflexão, de fundo filosófico, propõe uma discussão sobre a construção do pensamento peignotiano em direção à seara bibliográfica. O objetivo geral é contextualizar o pensamento de Gabriel Peignot, bibliófilo, bibliotecário e bibliólogo do século XVIII, na construção de uma visão sobre a relevância histórico-política e científica da Bibliografia no

contexto de revoluções contemporâneas à sua formalização. O estudo se concentra na análise conceitual da obra *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*, publicada em 1802 e aqui compreendida como um dos pioneiros discursos epistêmicos gerais de tentativa de afirmação de um campo científico orientado às práticas de preservação, organização e disseminação dos saberes registrados.

2 UM MÉTODO “GEOCONCEITUAL”

ÉCRITURE. C'est, comme le dit madame de Graffigny, l'art de donner une sorte d'existence aux pensées, en traçant avec une plume de petites figures qu'on appelle lettres, sur une matière blanche et mince que l'on nomme papier (PEIGNOT, 1802a, p. 237).

Nosso caminho até Gabriel Peignot se deu pela via da “linguagem”, abordada como uma matéria central de construção do pensamento hoje predicado como informacional. A procura estava, em meados de 2009, em encontrar os fundamentos históricos da Filosofia da Ciência da Informação nos estudos filosóficos da linguagem. O percurso de investigação nos levava, ali, em diferentes casos, ao encontro com perfis biográficos e abordagens teóricas que permitiam compreender as aproximações entre linguagem, filosofia e informação, tendo por base uma preocupação de “longa duração”.

O século XIX e as formas de constituição do pensamento em Paul Otlet, então retomado pelo movimento neodocumentalista, ou seja, por nomes como Lund, Frohmann, Buckland e Day, representa o contexto temporal de exploração. No período buscávamos compreender as raízes do pensamento otletiano e do projeto documentalista. Foi a partir desta construção que chegamos ao *Dictionnaire* de Peignot, fonte central para as conclusões da hipótese relacional lançada: a obra fundamentava a racionalidade bibliológica em um sistema filosófico estruturalmente “linguístico”, ou baseado na linguagem.

A reflexão conduz ao debate sobre a figura sócio-histórica de Peignot em seu tempo e sobre o discurso de construção epistemológica

do campo da organização dos saberes entre as noções de Bibliografia e Bibliologia. Desdobra-se como observações conclusivas a amplitude da bibliografia, das bibliografias e dos bibliógrafos no plano sistemático-epistêmico de Gabriel Peignot tecido ao longo do Setecentos e produzido para o século seguinte.

No escopo do aprofundamento das relações entre filosofia da linguagem e os estudos informacionais, o trabalho comunga da reflexão desenvolvida sobre o conceito de “esquema” entre Peignot e Otlet. Este estudo atravessa duas direções complementares dos projetos correntes: a) uma abordagem da-para linguagem como pressuposto para a reflexão filosófica dos estudos informacionais; b) uma espécie daquilo que estamos tratando por “geografia conceitual”, ou seja, estudo das relações entre os intersujeitos e a fisicalidade de continentes e conteúdos documentais, bem como a dinâmica interna-externa de formações e movimentações de conceitos nos “solos” da produção do conhecimento de cada “comunidade intercognoscente” – em nosso caso, a epistemologia da Ciência da Informação e sua comunidade. Um eixo central coexiste entre estas duas direções: uma “epistemologia histórica” confere à abordagem da linguagem e à “geoconceitualidade” sua condição sócio-cultural aberta (SALDANHA, 2014).

O método é resultado dos processos de apropriação da metodologia filosófica do pensamento wittgensteiniano (WITTGENSTEIN, 1979, 1992a, 1992b). Em outras palavras, trata-se de pensar a construção das “linguagens primitivas” dos domínios científicos ou apenas das comunidades de saberes e suas línguas de especialidade. Em um primeiro momento, a linguagem é tomada como modo de produção e expressão das “familiaridades” de cada grupo de indivíduos intercognoscentes, seja este grupo acadêmico ou não. Em um segundo momento, trata-se de daquilo que procuraremos determinar como uma espécie “geografia conceitual”: arte bibliográfica de compreender as movimentações conceituais de um domínio epistemológico, suas “esferas” (posições hierárquicas no tempo e no

espaço), suas “dinâmicas” (deslocamentos e estagnações) e seus “sismos” (propagações desde seu hipocentro até seus epicentros). As “esferas” são as “zonas” onde se avolumam e de onde se dispersam os fragmentos conceituais, aqui ou ali apropriados e elaborados como conceitos. Podem ser interpretadas a partir da posição de conceitos em livros, periódicos científicos, cartas e demais “registros” dos saberes de cada comunidade (SALDANHA, 2014).

A abordagem teórico-metodológica aproxima-se, pois, de uma fundamentação da “materialidade linguística” ou das relações entre linguagem e materialidade. O enfoque permite compreender o processo epistemológico de co-constituição de palavras, corpos e instituições, bem como perceber as “obras científicas” (conceitos, equações, livros, simulações), como artefatos dinâmicos, que permitem o reconhecimento sócio-cultural das invenções científicas. No presente caso, trata-se de identificar na Bibliografia e em seu “papel socioepistêmico”, elementos metodológicos de compreensão da realidade social.

3 PEIGNOT: UM HOMEM QUE OS SÉCULOS PARTIRAM AO MEIO

M. Gabriel Peignot a cultivé les lettres moins pour la réputation que ses écrits lui ont procurée, que pour les jouissances désintéressées qu'il n'a cessé de leur demander pendant une vie de plus de quatre-vingts ans. Son goût pour les livres n'avait d'égal que son dévouement à sa famille et à ses nombreux amis (SIMONET, 1863, p. vi).

Introduzimos o pensamento peignotiano, para chegarmos à discussão sobre a Bibliografia em sua epistemologia, passando da contextualização sócio-histórica, à alusão ao indivíduo Peignot até chegarmos ao percurso bibliográfico que atravessa em sua trajetória intelectual. Podemos considerar Peignot como uma personagem vinculada objetivamente ao século XVIII, mas com claras indicações de uma transformação profunda para o século seguinte, elemento indiciário que talvez possa ser comprovado quando vislumbrada é sua influência

no projeto bibliográfico posterior.

Percebemos que da primeira a última página de seu *Dictionnaire*, Peignot está preocupado com a definição de uma ciência que trata de organizar a massa de produtos da ciência. Em outras palavras, um vasto domínio epistemológico, de caráter enciclopédico, que responderia pela dinâmica cada vez mais plural de construção de discursos manifestados através dos livros. Mas o enciclopedismo seja talvez uma forma de reduzir e limitar o pensamento epistemológico peignotiano, como pode ser visto em Robert Estivals (2010), em sua reconstrução da trajetória historiográfica da Bibliologia.

As descrições empíricas e a preocupação com a identificação dos “modos de fazer” dentro de diferentes verbetes, apontam para uma visão metodológica que aproxima Peignot de uma abordagem também semelhante aos métodos bibliográficos otletianos e da geração da *Revue de Bibliologie*, de onde parte o pensamento estivalsiano. Em outras palavras, julgamos ser possível ver, tanto a figura enciclopédica do Século das Luzes quanto o metodólogo empírico-descritivo e sistemático do Oitocentos no perfil intelectual peignotiano. Existe, se tomarmos apenas o *Dictionnaire* como amostra, tanto uma preocupação reflexiva (definir um campo do conhecimento), quanto sistemática e descritiva (demonstrar os mais diversos meios de execução desta *epistême*).

3.1 Breve contexto sócio-epistêmico: achegas ao secularismo radical

A “França de Peignot” representa um espaço-tempo de extremas transformações sócio-históricas. O século XVIII francês trata-se de um marco para a Modernidade e a repercussão dos eventos transcorridos no país virá influenciar parte considerável do mundo. Em paralelo, marcados ou não pelas ideias francesas, ocorrências como a Revolução Industrial instauram uma nova condição econômica e um outro modo de transcorrência da vida privada e pública. A consolidação formal das distinções entre Estado, Igreja e Ciência, a transformação avançada da

Filosofia da Natureza em Física, o secularismo, a mudança estrutural da teoria do conhecimento como epistemologia vigilante, são algumas das inúmeras mutações político-epistemológicas do período.

Peignot vem ao mundo especificamente no contexto do desdobramento da publicação da *Encyclopedie* de Diderot e D'Alembert. Iniciada nos anos 1750, os últimos volumes são publicados quatro anos antes do nascimento de Gabriel Peignot. Esta tentativa monumental de reunir todas as ciências, as artes e os ofícios, a partir da identificação de autores especialistas para a elaboração de cada verbete, tem clara influência na obra peignotiana.

Podemos julgar que a obra central aqui iluminada de Peignot é uma espécie de “continuação” ao processo de “desnaturalização” do pensamento filosófico e teológico promovido pela *Encyclopedie* e de fundamentação de um novo modo bibliográfico de se fazer ciência. Em outras palavras, entre a obra de Diderot e D'Alembert existe uma relação objetiva, decorrente de, pelo menos, três indícios: a) preocupação com a classificação e a organização dos conhecimentos existentes; b) aprofundamento nas relações empíricas entre linguagem e conhecimento, ou, em outras, palavras, a articulação entre linguagem e materialidade; c) a necessidade de desenvolvimento de novos saberes empíricos dedicados à organização de todos os saberes ainda por vir e seus produtos linguístico-materiais.

3.2 O homem das letras e das luzes entre o Antigo Regime e a República

Etienne-Gabriel Peignot nasceu em 15 de maio de 1767, em Arc-en-Barrois (Haute-Marne) e faleceu em 1849. Estudou literatura, mas graduou-se em Direito para responder ao anseio dos pais. Com a eclosão da revolução, em 1789, se tornará comandante da Guarda Nacional, tendo sido notado por um discurso em defesa da superioridade do republicanismo como forma de governo diante dos demais modelos de regime político (SAVOIRS, 2014).

Figura 1 - Gabriel Peignot



Etienne-Gabriel
Peignot (1767-1849)

Fonte: Blanquet (2015).

Como aponta Simonet (1863), Peignot não passava um dia sem ler ou sem comprar um livro. Sua vida foi cercada pelo cotidiano bibliográfico. Durante o período de ebulição da Revolução Francesa, o bibliógrafo se fixará em Visoul, exercendo primeiramente a atividade de advogado, sendo nomeado bibliotecário, na mesma cidade, em 1893, um ano após a proclamação da Primeira República Francesa, ou, ainda, o ano do início do Terror. Ao mesmo tempo, atuou como professor de geografia e história literária no período. Como destaca Simonet (1863), tais práticas pedagógicas são permitidas pela sua habilidade já avançada no domínio das letras e da bibliografia.

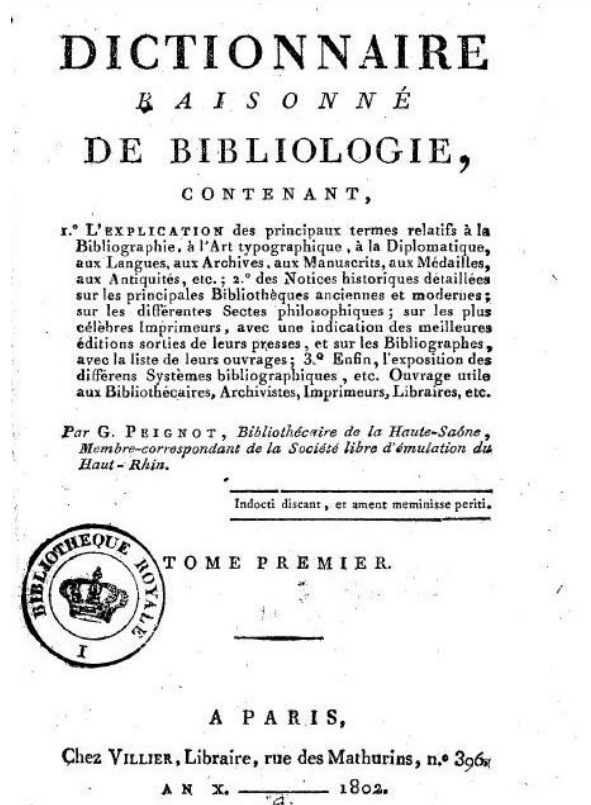
Sua erudição nos contextos extremos de desenvolvimento da carreira bibliográfica foi utilizada permanentemente para comentar, avaliar e criticar seu espaço-tempo. Suas observações procuravam a compreensão dos aspectos positivos e negativos da relação entre o Antigo Regime e a então constituída República Francesa, apontando com confiança para a eficácia dos novos programas e métodos de ensino. Esta visão é clara na abertura de seu *Dictionnaire*, um panegírico explícito ao momento civilizatório pelo qual passava seu povo, ou seja, “Jamais les sciences et les arts n'ont été cultivés en Europe avec autant d'activité qu'au commencement du 19^e siècle, et

peut-être jamais moment n'a été plus favorable pour leur faire prendre un nouvel essor [...]" (PEIGNOT, 1802a, p. vii). Este "discurso preliminar" homenageia sua época, a ciência ali construída e os métodos para alcançá-la.

3.3 Uma epistemologia para organização dos saberes como horizonte

A obra de Gabriel Peignot é vasta e profunda. Mas sua extensão pode ser reduzida a uma palavra: bibliografia. Mesmo com sua produção ficcional, o pensamento peignotiano manifestado ao longo das milhares de páginas redigidas pelo erudito são estruturalmente dedicadas à ciência bibliográfica. Na abertura do século XIX, publica em sequência *Petite Bibliothèque choisie*, *Manuel bibliographique* e o monumental *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, além do *Dictionnaire des livres condamnés*.

Figura 2 - Folha de rosto do *Dictionnaire raisonné de bibliologie*



Fonte: Peignot (1802a).

Couzinet (2011) apontará que Otlet (1934) receberá influência direta do trabalho de Peignot (1802). Erudito, bibliógrafo, bibliófilo, interessado em múltiplos domínios, Gabriel Peignot escreveu ensaios sobre a liberdade de imprensa no período medieval e no contexto moderno. Seu *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, de 1802, propõe ser uma obra didática para os estudos bibliológicos, incluindo a explicação dos principais conceitos do léxico que gira em torno do “livro”, passando pela indicação de bibliotecas, chegando até a exposição dos sistemas bibliográficos aplicáveis às instituições.

Paul Otlet reprendra la définition de **Peignot** en posant la **bibliologie comme ‘science générale embrassant l’ensemble systématique classe des données relatives à la production, la conservation, la circulation et l’utilization des écrits et des documents de toute espèce et comme science théorique, comparative, génétique et abstraite, embrasant tous les livres e toutes les espèces et toutes les formes de documents’** (COUZINET, 2011, p. 179, grifo nosso)

Gabriel Peignot, segundo Couzinet (2011), introduzirá a distinção entre Bibliologia e Bibliografia. A primeira estaria centrada nos aspectos teóricos da ciência do livro e no estudo dos resultados das ciências do espírito ou dos conhecimentos filosóficos, históricos, literários. A Bibliografia seria um dos ramos bibliológicos voltados aos aspectos técnicos da elaboração de repertórios de livros. Em outras palavras, “bibliographie est la partie descriptive et la bibliologie la science qui interroge les prénommènes liés à l’écrit” (COUZINET, 2011, p. 179). Em nossa visão, teríamos, pois, entre Peignot (1802) e Otlet (1934), via Bibliologia, a construção da primeira tentativa de reflexão epistemológica da organização dos saberes.

4 A BIBLIOGRAFIA NA EPISTEMOLOGIA DE PEIGNOT

La bibliographie étant la plus vaste et la plus universelle de toutes les connaissances humaines, tout parait devoir être du ressort du bibliographe; les langues , la

logique, la critique, la philosophie, l'éloquence, les mathématiques, la géographie, la chronologie, l'histoire et la diplomatie ne lui sont point étrangères; l'histoire de l'imprimerie et des célèbres imprimeurs lui est familière, ainsi que toutes les opérations de l'art typographique (PEIGNOT, 1802a, p. 50).

É preciso destacar as diferenças do espaço-tempo aqui vivido e constituído no âmbito epistemológico. Estamos em um contexto de definição de uma “nova filosofia”, do aparecimento de “novas ciências” e da classificação de todas as “novas condições epistêmicas”. Este “mundo de novidades” não guarda, pois, exemplos de processos consolidadas de tradições de pensamento e constituições acadêmicas. No território informacional, estamos distantes dos conceitos de *Library Science*, *Documentation* e *Information Science* que serão fundamentais para a sedimentação dos estudos informacionais no século XX. Deste modo, estamos diante de uma das primeiras tentativas de reconhecimento epistêmico da Bibliografia e da Bibliologia, pioneiras no escopo de definição terminológica do macrocampo de estudo da organização dos saberes.

4.1 A trilha bibliográfica

Retomando, nosso enfoque neste trabalho está em compreender e demonstrar como, no século XVIII, já existia, a partir do que nos é apontado pelo *Dictionnaire* de Peignot (1802a,1802b), uma constituição reflexiva sobre a Bibliologia e a Bibliografia, o que nos lega, de um lado, um conjunto de indícios para definição epistêmica de Bibliografia, e outro conjunto de problemas para a compreensão terminológica do campo de estudo do livro e de todas as relações entre conhecimento e seus registros.

A arte bibliográfica buscaria o conhecimento dos livros e determinaria o que chamaríamos de “ciência da ciência”. Os repertórios bibliográficos não representam apenas listas de registros descritivos, mas textos que ampliavam esta descrição, como biografia do autor –

trabalho de complementariedade que ganharia o nome de bibliografia analítica ou bibliografia crítica. “Ce travail d’accompagnement analytique ou critique leur vaut le nom, suivant le cas, de bibliographie analytique et de bibliographie critique ou raisonnée.” (COUZINET, 2011, p. 169).

Deste modo, a Bibliografia se apresenta, seja pela quantidade, seja pela qualidade das informações que abarca, como uma fonte da história cultural e literária. Será vista futuramente ora como auxiliar da Ciência da Informação – no atual caso francês, *Sciences de l’Information et de la communication* –, como um objeto de estudo do progresso da produção escrita e das atividades editoriais e de impressão, como repertório permanente, que constrói indicadores a partir do recenseamento, conferindo visibilidade da produção, refletindo a evolução do pensamento, das ciências e das técnicas. A Bibliografia permite ainda compartilhamento de informações em diferentes domínios, das ciências ao mercado livreiro. Enquanto isto, na Inglaterra, a Bibliografia é vista como ciência geral do livro, que atua como uma “sociologia do livro” (COUZINET, 2011).

[...] en Grande-Bretagne le terme *bibliography* désigne à la fois la description des documents écrits et la science qui étudie le livre. Cette définition est toujours affirmée par les travaux de McKenzie qui propose de la considérer comme l’étude **sociologique des textes** et insiste sur la double étendue de son champ. Pour lui elle est, à la fois, la description de tous les textes, et s’intéresse donc au contrôle bibliographique, et à l’étude des processus de production de transmission et de réception des textes. Ainsi il **l’érige en véritable discipline scientifique fondée sur la volonté de comprendre les relations entre la forme et le sens et qui s’appuie sur des techniques propres**. Il s’agit là d’un retour, mais aussi d’un approfondissement, à la définition première, retenue en France avant le XIXe siècle (COUZINET, 2011, p. 181, grifo nosso).

Fica claro que esta construção da vastidão da Bibliografia e suas variações identitárias têm seu lugar seguro, no âmbito de uma construção reflexiva, de fundo epistemológico, no pensamento

peignotiano. Alguns elementos gerais desta visão podem ser retirados da apresentação geral da obra de Gabriel Peignot (1802a).

4.2 Extratos peignotianos

Diferentes extratos peignotianos demonstram a pungência do pensamento bibliográfico como força de propulsão do desenvolvimento da ciência no século XIX. Em diversos verbetes, a relação entre ciência, técnica e sociedade surge, assim como nos conceitos enunciados pela *Encyclopedie*, em diálogo com as transformações políticas e as necessárias mudanças nos modos de ação do homem do Oitocentos. Um dos modos “geoconceituais” de demonstração de tal experiência discursiva, estaria na construção de uma outra sistemática dentro da sistematicidade do *Dictionnaire*, ou seja, buscar, primeiramente, as relações entre as centenas e centenas de verbetes e buscar a trilha não revelada de sua aparição nas obras futuras, do próprio Peignot e de demais artífices do pensamento informacional. Seleccionamos aqui apenas fragmentos panorâmicos para caracterizar o discurso peignotiano, à busca da compreensão da posição da Bibliografia em sua epistemologia.

Em sua exposição na nota preliminar ao *Dictionnaire*, Peignot (1802a, 1802b) lança pelo menos quatro elementos centrais para a esta potência bibliográfica, aqui destacados:

- Sobre o propósito descritivo geral da obra: “L’explication des principaux termes relatifs à la Bibliographie [...] et sur les Bibliographes, avec la liste de leurs ouvrages [...]”. Assim como é anunciado, o *Dictionnaire* dedica um vasto espaço de suas páginas à identificação e ao comentário de uma lista de verbetes vinculados à “metamaterialidade linguística”, somados a outra lista imensa de nomes próprios, que respondem pelos bibliógrafos, ou artífices responsáveis pela preservação, organização e disseminação do conhecimento, incluindo Corand Gesner;
- Sobre a virada sistemática de um possível pós-enciclopedismo: “Enfin, l’exposition des différens Systèmes bibliographiques”. Peignot (1802a) traz, na abertura da obra, a menção ao conjunto

de sistemas bibliográficos que serão apresentados, demonstrando a clara relação entre enciclopedismo e sistematismo, dicotomia central para a distinção entre as Humanidades e as Ciências Sociais, mas no *Dictionnaire* presente como a somatória de elementos conceituais e abordagens teórico-técnicas de um campo do conhecimento em emancipação;

- Sobre a contextualidade e a emergência da Bibliografia: “Jamais les sciences e les arts n’ont été cultivés en Europe avec autant d’activité qu’au commencement du 19^e siècle, et peut-être jamais moment n’a été plus favorable pour leur faire prendre un nouvel essor.” Gabriel Peignot (1802b) procura demonstrar pontualmente que, em um contexto pós-Revolução Francesa, ou seja, na possibilidade da reviravolta política que consolida e legitima as revoluções tecnológica e científica do mesmo século, os estudos bibliográficos se encontram em emergência diante do novo cenário para uma teoria do conhecimento empírico;
- Sobre a universalidade e a aplicabilidade da Bibliografia, seu dever, sua ética: “La bibliographie étant la plus vaste et la plus universelle de toutes les connaissances humaines, tout parait devoir être du ressort du bibliographe; les langues, la logique, la critique, la philosophie, l’éloquence, les mathématiques, la géographie, la chronologie, l’histoire et la diplomatique ne lui sont point étrangères; l’histoire de l’imprimerie et des célèbres imprimeurs lui est familière, ainsi que toutes les opérations de l’art typographique.” O *Dictionnaire* anuncia, por fim, a relação co-dependência entre a Bibliografia e as demais ciências. Sua vastidão não responde por uma epistemologia típica, mas por uma “participação” necessária na construção das demais ciências, além de seus próprios métodos. Nos termos peignotianos traduzidos, “tudo parece ser da responsabilidade do bibliógrafo”, isto é, as línguas, a lógica, a filosofia, por exemplo, dependem para seu desenvolvimento do trabalho bibliográfico de identificação, seleção, descrição.

O conhecimento registrado, ou o conjunto de peças do metamaterialismo linguístico colocam a Bibliografia como um centro de construção da própria ideia moderna de ciência.

4.3 Breves interpretações de um pensamento bibliográfico

Se no contexto da obra a visão sobre a Bibliografia é clara, sua sugestão inicial parece confusa. O *Dictionnaire*, é sabido, não é “de Bibliografia”, mas “de Bibliologia”. A “preferência” conceitual tem,

naturalmente, uma explicação etimológica razoável. O radical “logos” compõe parte considerável de nomenclaturas científicas nas línguas latinas e seu uso no francês para determinar o macroconceito do campo em questão parece bastante aceitável.

Por seu radical que indica “escrita” ou “descrição”, o termo “bibliografia” passa a responder não pela *epistême*, ou seja, pela ciência vasta em questão, mas, sim, por sua teoria geral. Ao mesmo tempo, no bojo do trabalho, podemos perceber a clara veiculação da noção de “bibliografia” também na objetivação de domínios aplicados. Em outras palavras, a noção se aplicaria da “teoria” aos territórios de prática.

Mas, então, o que é a Bibliologia? Se reconhecida apenas a estrutura terminológica, a questão é simples: trata-se da pioneira tentativa (ou de uma das primeiras prováveis tentativas) de definição reflexiva de um campo de estudos que toma o conhecimento como aquilo que se manifesta através de linguagem, e linguagem como aquilo que se manifesta através de continentes de recepção e manutenção, ou, nas palavras seguras de Alfredo Serrai (1975), como aquilo que apresenta “leveza e durabilidade”.

4.4 Uma posição para a Bibliografia?

O problema da definição da Bibliografia em Peignot (1802a,b) e, mesmo, em seus sucessores, parece justamente estar na tentativa de seu posicionamento epistemológico. Se tomamos a definição de epistemologia em duas vertentes, não excludentes, mas por vezes, não identitárias, a saber, uma, a teoria do conhecimento, outra, a teoria da demarcação científica, encontramos razões cabíveis e justificáveis, no ponto de vista peignotiano, para considerar a Bibliografia como uma das ciências que emergem na Modernidade.

A condição do desenvolvimento rápido de suas práticas, de aperfeiçoamento de seus métodos e da descrição de princípios vinculados a uma *empíria* típica de seu tempo, demonstram o percurso epistêmico em tessitura do saber bibliográfico. De um lado, notamos

uma “teoria do conhecimento” fundada no “metamaterialismo linguístico”: a epistemologia da Bibliografia como o modo de constituição do conhecimento a partir da relação entre registros dos saberes, sua apropriação, sua “composição” (entre cognição e manifestação linguística do cognoscível), sua expressão manifesta.

De outro lado, observamos uma epistemologia da Bibliografia como uma “teoria da demarcação científica” que demonstra a) o conjunto de elementos internos, disciplinares, de um saber distinto e b) o círculo de abordagens semelhantes que permitem ao campo se desenvolver em paralelo à construção de outras ciências, como História e Linguística, permitindo com que esta relação entre a) e b) nos demonstre onde começa e onde termina esta ciência em maturação.

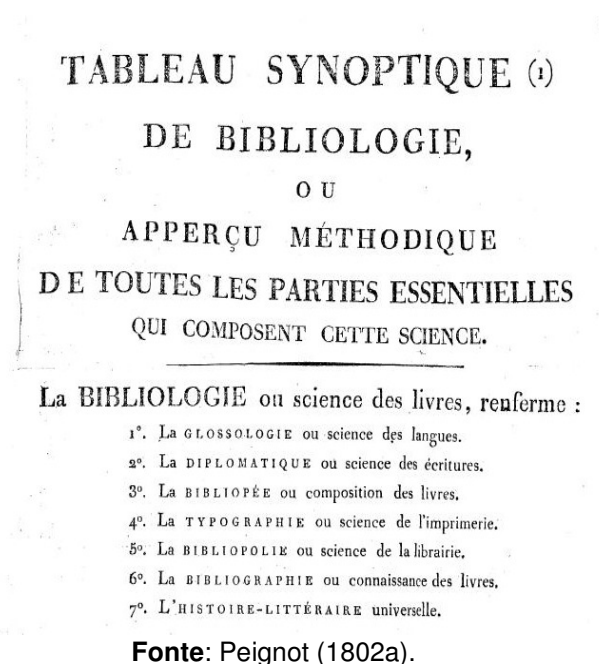
Semente e fruto da elaboração de um urbanismo sígnico cada vez mais intenso (a cidade moderna em seu uso intensivo da linguagem como forma de vida, estruturada por camadas de metarrepresentações, que levam à relação metafórica da cidade como uma biblioteca), fruto e semente da construção de uma racionalidade bibliográfica, consagrada com a *Encyclopedie* em meados do Setecentos, a Bibliografia, tomada como epistemologia em delineamento, demarca a impossibilidade de uma revolução científica sem uma revolução bibliográfica. Seja pela via tecnológica, seja pela via filosófica, seja pela via política, a expressão da atividade bibliográfica transmutada como racionalidade é fundante dos processos de transformação no mundo moderno.

Três exemplos, já exaustivamente discutidos em diferentes campos, como História, Sociologia e Política, justificam a assertiva: pela via tecnológica, a invenção da prensa; pela via filosófica, a ciência empírica; pela via política, a reforma protestante. Cada um a seu modo, está mais ou menos diretamente vinculado ao mundo bibliográfico, em sua passagem da relação (enciclopédica) para com o livro para a multiplicação de suas relações (sistemáticas) para com as metarrepresentações do mundo dos livros.

A vida dos bibliógrafos, intensamente relatada no *Dictionnaire*,

aponta para esta passagem. Trata-se de uma vida dedicada ao “metamaterialismo linguístico” e sua condição de fator transformador do mundo. Dito de outra forma, a “linguagem material”, tomada como expressão não apenas oral, mas estruturalmente registrada em um “porto seguro”, em um continente, é uma pulsão e ao mesmo tempo a ação transformadora. Esta condição da “teoria do conhecimento” na Bibliografia faz dela não apenas partícipe de uma “virada linguística” no contexto filosófico do Oitocentos, mas fonte para tal acontecimento epistemológico: a amplitude do mundo modificado entre o século XV e o XVIII quando observado pela ótica bibliográfica, ou seja, pelos elementos sócio-históricos alterados direta ou indiretamente pela produção, uso e disseminação de artefatos bibliográficos, bem como pela reflexão sobre tais artefatos, demonstra a relevância filosófica da Bibliografia em sua maturação no Setecentos. Tal condição diante da “virada linguística” na Filosofia pode ser vislumbrada na apresentação sinóptica da Bibliologia como ciência que possuiu a Bibliografia como sua teoria geral.

Figura 3 - Quadro sinóptico da Bibliologia



As macrodisciplinas que compõem o discurso da Bibliologia são saberes estruturalmente vinculados a uma filosofia da linguagem. Sua característica distintiva está na ênfase a uma certa materialidade linguística típica, não oral, focada na condição de um continente para cada conteúdo, mas sem dispensar a compreensão da linguagem em sua mais ampla pluralidade. Iniciando com a ciência geral das línguas, passando pela ciência da escritura, segue-se através da ciência da composição dos livros, da impressão propriamente dita e das instituições documentais, percurso que nos leva “conhecimento dos livros”, ou a Bibliografia propriamente dita, concluindo-se com saber geral da história literária universal. Neste jogo curricular, não necessariamente linear, ainda que sua cadeia de disciplinas o sugira, a Bibliografia tem um lugar epistemológico por excelência: envolve os demais saberes (ou ciências) da Bibliologia, é sua teoria geral, mas é também uma *epistême* distinta, dedicada à compreensão do livro pelo livro, mais do que sua descrição, como a leitura etimológica pode indicar à primeira vista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Il [Gabriel Peignot] pratiqua toute sa vie les maximes qu'il s'était tracées; on croit lire son portrait dans celui du bibliothécaire modèle qu'il a reproduit, d'après Parent, dans son Dictionnaire raisonné de Bibliologie: 'n'est le prêtre d'aucun culte, le ministre d'aucune secte, le chef d'aucune faction, l'initié d'aucune coterie, l'adepte ou le candidat d'aucune académie, le partisan idolâtre d'aucun système... Il se doit à une jeunesse curieuse et avide d'instruction, pour qui il sera un guide sûr et affable qui la conduira vers les sources les plus pures et les plus abordables...

(SIMONET, 1863, p. 64)

De volta à Paul Otlet, percebemos que as questões aporéticas da relação entre Bibliologia e Bibliografia são tão complexas em Peignot quanto no fundador do Instituto Internacional de Bibliografia. Dentre as questões centrais aqui colocadas na aporia, está, de um lado, a dicotomia entre a busca racional por uma terminologia científica

adequada para nomear um campo do conhecimento e, de outro, a necessidade permanente de revisão terminológica como solução para processos sócio-históricos de desenvolvimento de um campo, independentemente de seu conceito geral, o que leva até uma procura terminológica que, ao contrário, beira à irracionalidade.

O termo “bibliologia” parece, como anteviu Gabriel Peignot, esclarecer, de forma pontual, a nomenclatura científica do campo dedicado à articulação de questões como livro, escrita, conhecimento registro, documento, medalhas, memória, língua, linguagem, organização dos saberes, profissões do livro. Porém, claramente, o termo “bibliografia”, historicamente respondeu por este conjunto de elementos e seus cruzamentos, sendo, porém, etimologicamente, relacionado com aspectos puramente empírico-descritivos do campo.

Enfatizamos a questão do “metamaterialismo” com uma das “abordagens teóricas” em Gabriel Peignot como fonte fundamental para os estudos informacionais na contemporaneidade. Nossas últimas palavras se concentram, pois, diante da dialética delicada entre “Bibliologia” e “Bibliografia”, na compreensão de que a travessia inicial de Peignot, no tempo (século XVIII), e no espaço (a França revolucionária, a Europa cada vez mais “empírica” e menos “metafísica”), demonstra a maturidade do pensamento bibliográfico lançada em uma grandiosa obra de referência. As potencialidades e os problemas desta adjetivação, ou, ainda, os desafios desta “monumentalidade”, são outro passo importante da pesquisa epistemológica e historiográfica no campo informacional.

Antes desta revisão mais prudente, podemos inferir que, tendo em vista do *Dictionnaire* em sua aparição, em 1802, e considerando a “sistematicidade” de seu arranjo e a exaustividade de seus verbetes, está demonstrada a avançada constituição epistemológica da Bibliografia como ciência. O jogo dialético, porém, entre os conceitos “bibliologia” e “bibliografia”, já presente na visão de Gabriel Peignot (1802a,b), anunciam, desde ali, na abertura do Oitocentos, a dificuldade

de denominação geral do campo, fator que se evidenciará de modo ainda mais crônico no século XX, com as noções de *library science*, *documentation*, *library and information science* e *information Science*, do ponto de vista peignotiano à Chaim Zins (2006).

Deste modo, a obra do bibliógrafo, bibliotecário e bibliófilo Peignot (1802a,b) aqui evidenciada antecipa a) as dificuldades de demarcação fronteiriça do campo hoje chamado “informacional”, b) as relações íntimas entre disciplinas que co-constituem as práticas de organização dos saberes, futuramente tratadas pelo complicado conceito de “interdisciplinaridade”, c) a emergência de um domínio disciplinar focado em uma ideia de conhecimento duplamente empírica:

- é “material” por uma racionalidade estruturante dedicada aos estudos do demonstrável, marca da revolução científica consolidada no século XVIII – revolução esta provavelmente impraticável sem o desenvolvimento da Bibliografia (no sentido epistêmico) no período que separa Conrad Gesner e Gabriel Peignot, e, ainda (no sentido técnico), no período que separa a invenção da prensa e sua definitiva expansão até do Setecentos, consolidando a relação conhecimento e racionalidade bibliográfica;
- é “metamaterial”, em razão desta consolidação acima colocada, ou seja, o período que atravessa a recepção aristotélica no Ocidente, no início do segundo milênio da cronologia Ocidental, passando pela revolução tipográfica, responde por um processo de apagamento das possíveis relações problemáticas entre oralidade & conhecimento versus escrita & conhecimento, fundantes, em parte, da filosofia platônica e manifestadas no *Fedro* (PLATÃO, 2000). Quando atingimos a revolução de uma racionalidade do “ser consciente”, ou da “consciência capaz de conceber o mundo”, entre o cartesianismo e o kantismo, consolidamos a “devoção” ao registro do conhecimento como (se não conhecimento por inteiro) uma das possibilidades do conhecimento em seu desenvolvimento. Pensar torna-se um movimento intimamente vinculado a uma “materialidade linguística”.

Em uma avaliação epistemológica conclusiva, o que é mais flagrante, no entanto, para a proposta deste trabalho, é a posição metacientífica que resta à Bibliografia. Se a visão peignotiana nos

permite tantas aberturas para se considerar a maturidade bibliográfica até ali, no Setecentos, sua condição de teoria geral, e não de campo científico, lança, por outro ângulo, provavelmente pela primeira vez, a “submissão” de uma certa produção epistêmica sob “outra ciência”.

A hierarquização da Bibliografia dentro da Bibliologia torna-se o primeiro, de muitos momentos, em que o pensamento bibliográfico é tomado como uma ferramenta, como uma teoria e/ou como um auxiliar, e não um saber independente, com suas condicionais relações disciplinares sob outros domínios, elemento comum a todo e qualquer *epistême*. A partir de então, soa a sugestão de um protossaber, da semente fundadora, por exemplo, da Biblioteconomia, da Documentação, da Ciência da Informação, quando sua produção epistêmica, na verdade, antecipa todas as questões do campo que inicia seu desenho conceitual e curricular no século XIX, e como se as nomenclaturas, ou seja, os significantes, fundassem ciências, e não os homens, suas ideias e seus discursos.

REFERÊNCIAS

BLANQUET, Marie-France. **Etienne-Gabriel Peignot (1767-1849)**. Disponível em: <<http://www.cndp.fr/savoirscdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-de-la-presse/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/etienne-gabriel-peignot-1767-1849.html>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

COUZINET, Viviane. Des pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibliologie. In: GARDIES, Cecile. (Dir.). **Approche del'information-documentation: concepts fondateurs**. Toulouse: Cépadues Éditions, 2011. p. 167-186.

ESTIVALS, Robert. Paul Otlet dans l'histoire de la bibliologie. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 73, p. 35-42, 2010.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**. Paris: Chez Villier, 1802a. Tomo I.

_____. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**. Tomo II. Paris: Chez Villier, 1802b.

PLATÃO. **Fedro ou da beleza**. Lisboa: Guimarães, 2000.

SALDANHA, Gustavo Silva. O esquema e as formas simbólicas: uma arqueologia filosófica do esquema no pensamento bibliológico. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI: as transformações do documento no espaço tempo do conhecimento, 3., 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: Rede Mussi, 2014. v. 1, p. 30-50.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975.

SIMONET, Jules. **Essai sur l'aveu et les ouvrages de Gabriel Peignot, accompagné de pièces de vers inédits**. Paris: Auguste Aubry, 1863.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **O livro azul**. Lisboa: Edições 70, 1992a.

_____. **O livro castanho**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992b.

ZINS, Chaim. Redefining information science: from "information science" to "knowledge science". **Journal of Documentation**, London, v. 62, n. 4, p. 447-461, 2006.

Title

The position of Bibliography in Peignot's epistemology in the eighteenth century

Abstract

Introduction: From the perspective of historical epistemology, the philosophical reflection proposes a discussion on the construction of Peignot's thought toward the Bibliography.

Objective: The overall objective is to contextualize the Gabriel Peignot's thought, bibliophile and librarian of the eighteenth century in the construction of historical-political and scientific importance of Bibliography in the context of contemporary revolutions the its formalization. **Methodology:** The study focuses on the conceptual analysis of the work *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*, published in 1802 and here understood as a pioneering general epistemic discourse attempt to claim a scientific field oriented to conservation practices, organization and dissemination of recorded knowledge.

Results: The reflection leads to the debate on the socio-historical figure Peignot in his time and the epistemological construction of field of knowledge

organization between the notions of Bibliography and Bibliology.

Conclusions: As concluding observations stands out the breadth of Bibliography, bibliographies and bibliographers in Gabriel Peignot's systematic-epistemic plan during the eighteenth century and the next century.

Keywords: Bibliography. Bibliology. Gabriel Peignot. Bibliographers. Epistemology.

Titulo

El lugar de la Bibliografía em la epistemologia de Peignot en el siglo XVIII

Resumen

Introducción: Desde la perspectiva de una epistemología histórica, la reflexión filosófica propone un debate sobre la construcción de el pensamiento peignotiano cerca de bibliografía. **Objetivo:** El objetivo general es poner en contexto la vista de Gabriel Peignot, bibliófilo, bibliotecario y bibliólogo, en la construcción de la importancia histórico-política y científica de la Bibliografía en el siglo XVIII.

Metodología: El estudio se centra en el análisis conceptual de la obra *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*, publicada en 1802 y aquí entendida como un discurso general pionero en un intento de reclamar un campo científico orientado a prácticas de conservación, organización y difusión del conocimiento registrado.

Resultados: La reflexión lleva al debate sobre la figura sociohistórico de Peignot en su tiempo y la construcción epistemológica del campo de la organización del conocimiento entre las nociones de Bibliografía y Bibliología.

Conclusiones: Como conclusiones ponen de relieve la amplitud de la Bibliografía, las bibliografías y bibliógrafos en plan sistemático-epistémico construido por Gabriel Peignot durante el siglos XVIII y XIX.

Palabras clave: Bibliografía. Bibliología. Gabriel Peignot. Bibliógrafos. Epistemología.

Recebido em: Abril de 2015

Aceito em: Julho de 2015